

Deia Silva



Atrevimento

Editora Gato Ed



Aqui temos a memória de infância num bairro periférico que estava iniciando a sua história assim como a menina Deia, que voltou no tempo em que a Terra Firme ainda era um lugar com características de interior, com tranquilidade nas ruas e sem vestígios da violência urbana que hoje está tomando conta de Belém.

A menina Deia circulava pelas ruas acompanhada de suas amigas e amigos e aproveitando ao máximo a liberdade que elas lhes proporcionavam. Seria ela uma criança tão risonha quanto é a mulher Dona Deia???. Suas histórias retratam momentos de brincadeiras, de festas, onde as pessoas não estavam ainda preocupadas com o amanhã.

Dona Deia é uma moradora apaixonada por seu bairro, não pensa em sair dele por nenhum motivo. Foi nele que criou suas filhas, ajudou a criar sua neta e seu neto e tem um bonito jardim em sua varanda.

Nesses mais de vinte anos que a conheço não tenho como não pensar nela sem seu largo sorriso e uma gargalhada estridente que corta o ar e faz com ninguém fique indiferente. Deia Silva, Dona Deia, conhecida entre as amigas de suas filhas como uma das mães mais severas na educação, ela nunca deixa para dizer depois e nós amigas de suas meninas sabemos bem disso.

Uma mulher religiosa, devota de Nossa Senhora de Nazaré, também gosta de aproveitar a vida num baile da saudade, numa praia, igarapé e nas reuniões com a família. Ela tem uma história parecida com a de muitas outras mães da periferia do Brasil. Mas, tem como diferencial em seu histórico o fato de ser uma das mães e escritoras da Editora Gato Ed.

Leila Leite  
31/07/2021  
Às 11:59  
Terra Firme  
Belém Pará



Deia Silva

**ATREVIMENTO**

**1ª Edição**

**Editora Gato Ed  
Belém-Pará  
2021**

**Capa: Leila Leite**

**Diagramação: Leila Leite**

**Edição: Leila Leite**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S586 Silva, Deia.  
Atrevimento [recurso eletrônico] / Deia Silva. — 1. ed.  
— Belém : Gato Ed, 2021.  
Dados eletrônicos .

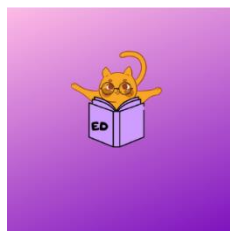
ISBN 978-65-5854-404-3

1. Autobiografia. 2. Memórias. 3. Histórias de vida.  
I. Título.

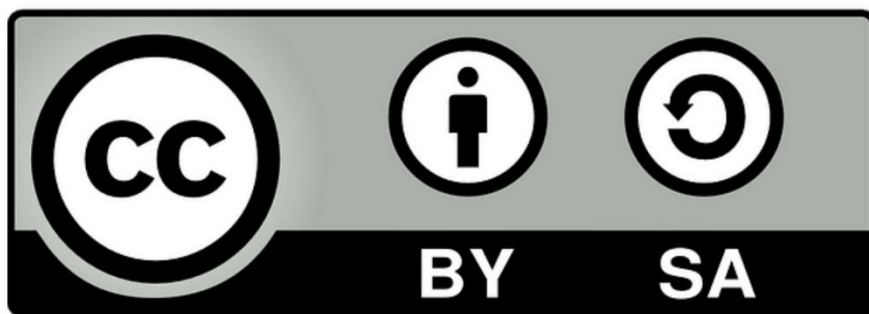
CDD 920.72



Este livro é disponibilizado de forma gratuita em seu formato e-book no site da Editora Gato Ed.



# E-BOOK GRATUITO





# Sumário



**A audaciosa Deia Silva...09**



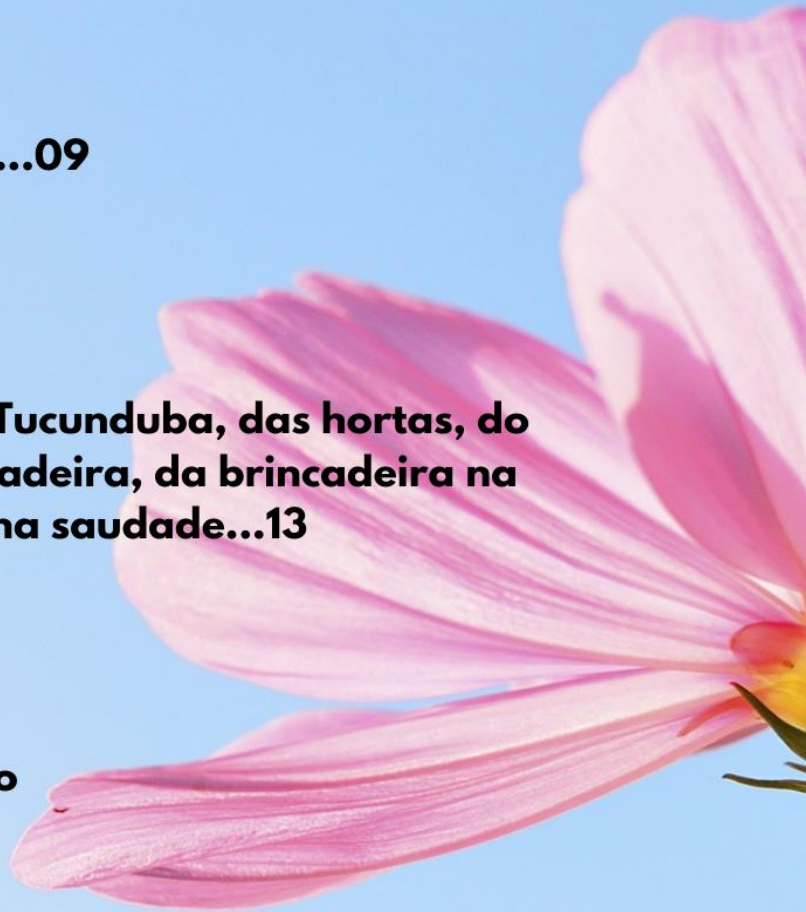
**Terra Firme do Tucunduba, das hortas, do leite fresco, da ladeira, da brincadeira na praça... da minha saudade...13**



**Desvendando o bairro...17**



**Não precisa acabar com nosso rio, com os nossos leiteiros, com as nossas hortas... Muito triste...20**





**Mas nesse passado, também era  
assim...24**



**Essa é a minha história de quando eu cheguei na  
Terra Firme... Eu era muitooo atrevida!  
(Hahahahhahhahha)....30**



**A autora...31**







A

audaciosa



Deia Silva





## A audaciosa Deia Silva

Atrevimento é o livro de memórias da infância de uma vigorosa senhora que aos 10 anos saiu do bairro da Matinha para o da Terra Firme, em Belém do Pará. Deia, Dedeia, Porcina ou Ivonete. Sim, minha mãe nunca foi uma. Mãe solo de três mulheres (Geovana, Rita Giselle e eu) e avó de Cassiel e Leila, nunca a vi desistir, por um segundo que fosse, para que crescemos com dignidade e para que conquistássemos nossa autonomia e independência intelectual e financeira.

D. Deia tem temperamento forte e como costuma se denominar é "positiva e não tem papas na língua". Se quiseres conhecer uma mulher de fibra, simples, popular e determinada a fazer a diferença é só chegar junto e puxar aquele papo. Autêntica, e como uma total e real mulher de seu tempo, descrevê-la é mergulhar em um mundo de experiências das mais diversificadas. Doces e amargas, e onde residem seus enfrentamentos de ontem e hoje, que sem ela nem ter a intenção, estão mais do que marcados para o futuro.

Eu, que já estou a quase quatro décadas a vendo ir atrás de seus corres, venho cada vez mais lhe prestar o máximo respeito. Foi de vendedora de comida no Mercado de São Brás à manicure; de dona de casa à vendedora de roupas e cosméticos; e de artesã à uma das mulheres mais guerreiras de minha trajetória. Não bastando ter me dado o dom da vida, me ensina a cada momento que não é possível se conformar com as injustiças, as violências e as

desigualdades da vida e ficar calada. Tem que levantar a cabeça e continuar tentando, até que se ache as melhoras.

Nestas minhas breves palavras já deu para ver que a vida dela sempre foi como um vulcão em erupção incessante, né? Mas ela é isso mesmo e tanto mais.

Tenho uma lembrança tão reconfortante de quando eu ainda era muito criança, e mesmo no meio das 500 milhões de tarefas que ela e vovó Hilda tinham na rua e em casa, paravam quando podiam e sentavam com a gente para ler e contar histórias. Eram elas também que o tempo todo me incentivavam a não deixar de estudar.

Vovó sabia todas as prendas do lar. Mas me dizia que só pôde estudar até o terceiro primário e depois casou, dizia 'No meu tempo era assim. No de vocês é diferente. Tem que aproveitar'. Mamãe parou na oitava série quando teve minha irmã mais velha. A vida foi e veio, teve a separação de meu pai, teve a separação de meu padrasto, o nascimento dos netos e a conclusão do ensino médio. Um de seus muitos orgulhos é ter as três filhas formadas e os dois netos já no ensino superior.

Ainda do meu tempo de criança, lembro dela ter em casa uns livros de capa dura em cor vinho e com folhas amareladas que não sei se estão com ela ou se já passou a diante. Foi nesses seus livros que conheci Alice e seu país das maravilhas.

Outra marca que sempre me encantou nela é sua letra. D. Deia tem uma das caligrafias mais bem desenhadas que já vi. Sempre muito dedicada, e atendida nessa transição do manuscrito para o digital, ela tem livros de receitas culinárias. Aliás, tenho que registrar, ela tem aquele carimbo mágico de comida de mãe, que só de pensar me enche de fome.

Pensei e repensei nossa vivência antes de começar essa introdução. Sou sua caçula, e mesmo que tenhamos personalidades bem diferentes, nos

misturamos pelo afeto, pelo convívio, pela força, pelo amor, pela parceria, pela magia de nossa relação fraternal, que sempre me ajudou a não desistir. Ela não queria escrever de jeito algum suas memórias, então buscamos lhe propiciar o processo oral. E assim, da forma mais leve, foi saindo. Ela narrava, me mandava os áudios e fui digitando. No começo achávamos que não daria certo, foi onde valeu o incentivo e a revisão preciosa de Leila Leite e todas/os as/os apoiadoras/es da Editora Gato Ed.

Assim chegamos até aqui. Ufa! Paro por aqui e desejo às suas leitoras e leitores o mesmo divertimento que tive ao lê-la.

Gê Dias



*Terra Firme do Tucunduba,  
das hortas, do leite fresco,  
da ladeira, da brincadeira na praça...  
da minha saudade*





## Terra Firme do Tucunduba, das hortas, do leite fresco, da ladeira, da brincadeira na praça... da minha saudade

Quando nós chegamos na Terra Firme, que meu avó comprou a casa aqui, em 1970, eu não queria morar aqui. Eu tinha 10 anos e eu era acostumada lá no bairro onde a gente morava, a Matinha, a vê tudo. O movimento era muito grande. Lá era o centro da cidade, né!?

Quando a prefeitura indenizou a nossa casa e deu pro meu pai Santo Cr\$ 900,00, uma mixaria, o único lugar que ele conseguiu achar uma casa nesse valor foi aqui na Terra Firme, na rua São Domingos. E a casa que ele comprou pra gente era uma palhoça. Santo, Seu Milton, que de santo não tinha nada (kkkkk) era meu avô, marido da minha avó Hilda, mas eu chamava ele de pai.

A casa era de madeira e palha, com o assoalho era todo grudado no chão. Mas não tinha nem perna manca embaixo. Quando nós vimos que tinham uns buracos no chão a gente começou a levantar as tábuas e uns siris começaram a entrar e ficavam andando dentro de casa. Ai a gente começou a tapar os buracos.

Gente, eu não suportava este bairro! Mesmo porque a casa era praticamente no final da rua. Três casas depois da nossa era o fim da rua. Tinha cerca de arame farpado fazendo a demarcação do terreno da



universidade, mas depois derrubaram essa cerca e invadiram. A rua terminava na Cárta.

Andando mais pra frente era o final da linha do Canudos Pça. Amazonas e a praça. Quando a gente vinha no ônibus, antes de entrar no bairro, a gente tinha a sensação de que a Terra Firme era um buraco! Porque quando chegava lá no canto da 2ª de Queluz era uma ladeira e o ônibus desci com o caramba pra passar pela frente do Curtume.

A gente ficava na maior sacagem, adorava aquela ladeira que não era asfaltada! (Hahahhahh). A emoção era quando atravessava aquela ponte de madeira que tinha antes de chegar no final da linha do Canudos, que era no canto da São Domingos com a CelsoMalcher, de frente pra praça. Uma cobertinha onde os ônibus e os fiscais ficavam.

Na praça tinha uma piscina, que não tinha utilidade pra nada, só acumular água pra dá mosquito da dengue. Aquela piscina eu acho que era só para fazer o contorno da praça, para ajudar a gente a ficar passeando, rodando. Mas tinha também gangorra, balanço, escorrega-bunda. Inclusive, eu brigava muito na fila, me atracava com as meninas que queriam furar na minha frente e eu queria brincar (Hahahhahahh). Eu tinha só 10 anos de idade, gente, viu? (Hahahhahah).

A igreja de São Domingos de Gusmão era de madeira, tipo chalézinho, aquelas igrejas antiigiigas de bairro. A rua São Domingos começava lá na frente da escola estadual Mateus do Carmo e terminava na esquina da Cárta. Era só mato a rua, muita lama! A gente pra chegar em casa tinha que andar por cima do mato, por cima da lama, por cima de toco de açazeiro. Eu odiava! Não suportava! Agora não quero mais sair desse bairro! (Hahahahahh).

Tenho saudade sim do bairro da Matinha, mas prefiro ficar aqui na Terra Firme. Tenho saudade desse tempo que o nosso bairro era tranquilo. Não existia tanta bandidagem.



Depois que invadiram e derrubaram as cercas de arame farpado da universidade, nosso bairro se tornou perigoso. Mas nosso bairro era muito tranquilo e pacato. Não existia violência. Não tinha nada do que existe hoje em dia. Têm muitas passagens. Têm lugares que eu nem conheço.

O que eu mais gostava aqui na Terra Firme eram as hortas...

O nosso Igarapé do Tucunduba era um IGARAPÉ! A gente tomava banho escondido lá, dizíamos que íamos na horta, na verdade a gente ia era pra tomar banho no rio. Quando descobriu, minha vó começou a meter medo na gente. Ela dizia que “a gente não podia tomar banho lá, por que tinha uma cobra grande que ia pegar a gente” (Hahahahhahha).

Quando digo que tomava banho, na verdade eu só ficava sentadinha na beira do igarapé, mesmo por que não sei nadar. Ficava sentada na beira com medo da cobra. Eu acreditava nela! E quando ela flagrava a gente lá, metia a porrada! (Hahahahhahah).

Mas depois que entrou a invasão, acabaram com as hortas, acabaram com as vacas. Tinham uns senhores que vendiam leite puro baratinho no bairro. Acabaram com tudo! Nosso bairro se tornou essa imensidão que tá agora...



# Desvendando o bairro

Terra Firme da sede,  
do campo,  
das festas,  
dos terreiros de São João,  
das namoradeiras de trás da igreja...





## Desvendando o bairro

### **Terra Firme da sede, do campo, das festas, dos terreiros de São João, das namoradeiras de trás da igreja...**

O único lazer que tinha aqui era a Sede do Terra Firme, que diziam que ser uma gafeira. Vovó dizia que a gente não podia nem chegar lá na frente!

Então, passou um tempo, eu já era moça. Uma tarde enganamos a vovó e fomos pra festa, eu e minha tia Nazaré. Nós descobrimos que tinha festa dia de domingo à tarde.

Rapazzzzz!!!! A velha foi buscar a gente lá dentro e só faltou dá-lhe porrada na gente na frente de todo mundo! (Hahahahha).

Eu fiz de conta que nem conhecia a velha. A tia agarrada no braço dela e ela escroteando pela rua. Ela falava alto. Eu vim embora na frente... (Hahahhahaha).

Essa sede era feita de barro, depois derrubaram e fizeram de alvenaria, até que um dia mataram um cara lá na frente e a sede fechou. Muitos anos depois que reabriu. Ficamos arrasados, acabou nosso fogo, porque mesmo depois de flagrar, sempre escapávamos para lá sem a véia saber.

Festa grande na Terra Firme, só na época junina, fizeram um tal de Terreiro do Nanô, que era do lado da igreja e varava pra passagem 2 de Junho. Era o point do bairro no mês de junho, porque não tinha mais festa na Sede da Terra Firme, a galera caía toda nesse terreiro.

Até que fechou, acabaram com esse terreiro. Aí não tinha mais nenhuma festa, nenhuma sede, nada de lazer na Terra Firme. O nosso lazer era ficar rodando na praça, rodando, rodando, das 7:00 da noite até às 9:00. Foi quando abriram a sede do Vascão, o dono era o Simeão, e a galera caía toda lá aos domingos, nós, lógico, como sempre, fugíamos pra lá, depois ia pra praça. Sempre brincando, brigando nos brinquedos. Era a única diversão que tinha. Depois que invadiram, pronto, acabou! Ai resolveram cercar a praça.

Nessa época também tinha o campo de futebol que fica pro lado da Perimetral, perto da garagem do Tamoios. No domingo de dia os meninos, os homens iam jogar bola pra lá. E a noite servia de abrigo de namorados, quem queria namorar escondido ia pro campo da Terra Firme. Ai o pessoal falava assim: “Aonde era que tu tava, que num tava na praça? Já sei! Tava lá pro campo da Terra Firme! Com quem era que tu tava? Quem é o namorado?”. Ou então namoravam atrás da igreja, que era escuuuuuro.

Agora vai namorar lá no campo da Terra Firme... (Hahahhahah) Chega nem lá, tu é assaltado... (Hahahhahah). E atrás da igreja, então? Acabou! Mas na época, quem queria namorar escondido não tinha outros lugares.

Depois cercaram o campo da Terra Firme porque tava virando ponto de drogados. Em vez de ficarem os namorados lá, já ficavam os viciados se drogando. Foi que a diretoria do Clube da Terra Firme se juntou e mandou fazer um muro.

Se tu tinha saído da tua casa a noite e não tivesse na praça, não tinha como mentir que tu não tava ou atrás da igreja ou no campo da Terra Firme namorando, mas era certeeeeiro o tiro! (Hahahhahah).

Quem queria só dá uns beijinhos rápidos e não queria demorar muito tempo, ai pra trás da antiga delegacia na Comissário. Ali também era escuro pra caramba, só que era muito perigoso de ser flagrada ou ser vista, porque

era caminho das pessoas que moravam pra dentro da Comissário e varava pra São Domingos. Por isso, muitas não se arriscavam em ir namorar lá não.



*Não precisa acabar com nosso rio,  
com os nossos leiteiros,  
com as nossas hortas... Muito triste...*



## **Não precisava acabar com nosso rio, com os nossos leiteiros, com as nossas hortas...Muito triste...**

E quando a gente se mudou pra cá pra Terra Firme, de noite, ouvíamos todas as presepadadas, marmotas. Era barulho de tambor de macumba rolando. Pro lado ali da Mundurucus, que a gente não sabia da onde era e que terreiro era esse. Porque não dava pra ver nada, que era só mato e horta, tinha o igarapé. Tinha uma barreira terrível, que não dava pra saber nada. A gente só sabia que era em Canudos e que o barulho vinha bater pra cá pra São Domingos.

A vovó dizia assim, dia de sexta-feira, “Começou o borocô praí. Qualquer dia eu vou descobrir onde é esse terreiro!”. E o papai dizia, “Vaiiii...” (Hahahahhahh). Quando ouvíamos o barulho dos popopôs, que eles faziam viagens pelo rio, era o barulho do motor dos barcos. O rio Tucunduba tinha peixes como tamuatá e caranguejos e até perema aparecia, com a invasão desapareceu tudo.

Depois que invadiram tudo, que acabaram com a horta, acabaram com o igarapé do Tucunduba, a gente não ouviu mais nenhum barulho de motor.

Era um bairro muito bom nossa Terra Firme. Acabaram com o nosso bairro com essa invasão. Eu até entendo que as pessoas precisam de casa pra morar, mas não precisava acabar com o rio Tucunduba. Porque ele era navegável.

Quando ele secava, que tava com a maré baixa, a gente ia lá na beira e era muito fundo, vocês não tem ideia. Eu acho que se botasse uma escada de uns 50 degraus dava a fundura.

A gente via dos buraquinhos na lama os sararázinhos caranguejinhos saindo. Era a coisa mais linda eles passeando por cima da lama, assim. Mataram tudo! Acabaram com o nosso rio!

Muito triste... Acabaram com o nosso rio Tucunduba... Acabaram com as nossas hortas... Acabaram com os nossos vendedores de leite... Eu sinto muito a falta ainda... E fico muito triste...

Pra vocês terem ideia, era com essa mesma água do rio Tucunduba que eles regavam as hortas, porque não tinha água encanada e água do igarapé servia pra regar, porque o rio era limpo.

Mas com a invasão eles tiveram que acabar com a horta, porque invadiram até o terreno deles. O pessoal que tinha horta ficou com uma casinha só. Na horta deles o pessoal começou a fazer casa, não teve controle.

Foi uma invasão muito rápida. Eu lembro. Eu deveria ter os meus 13 anos. Era isso mesmo. Foi quando derrubaram a cerca de arame farpado do terreno da universidade pra invadir.

Era muita gente, muita gente mesmo. Desesperados querendo um pedaço de terra para morar. Mas não precisava acabar com o rio... não tinha a necessidade de fazer casa na beira do rio, pra acabar com o rio...

Eu via muito cearense, mas muito cearense mesmo fazendo casa aqui nessa época, poucos paraenses. Também havia muitos maranhenses, muita gente pegou terreno só pra vender. Nessa história da invasão, uns ficaram. Outros, depois que faziam uma casa, nem moravam, só vendiam. Para mim, com isso só estavam avacalhando o bairro e fazendo a cagada que se transformou depois.

Dos cearenses que ficaram, muitos trabalhavam vendendo prestação. Quando eles viram que o bairro tava mais evoluído, que não tinha mais quase

nada de mercado pra eles, começaram a ir embora. Isso foi quando chegaram as lojas, os comerciozinhos, e acabou praticamente com a venda deles.

A vovó que dizia: “Eita, que os cearenses e maranhenses tomaram conta do bairro da Terra Firme!”. Aí o papai respondia: “É, meus conterrâneos...”. E eu completava: “Conterrâneos que tão ajudando a acabar com o rio Tucunduba. A gente não ouve mais nem o barulho do motor dos barquinhos passando...”.

Os cearenses faziam aquelaaaaa rodada do outro lado da rua na frente da casa da vovó. Ficava uma ruma deles, com seus carrinhos cheioooooos de mercadoria. Eram pelo menos uns 15, todo dia.

Tanto é, que até hoje, em uma casa ou outra tem um cearense ainda morando por aqui. Na Perimetral tinha o Chem, que era onde o pessoal jogava o lixo deles. Mas pra chegar lá no Chem, a gente tinha que ir pela frente da garagem do Tamoios e rodear pra chegar lá no NPI. Aquele canal da Cipriano Santos não dava nem pra ver, que era só mato. Por ali assim, passando o NPI era o Chem. Era insuportável o cheiro. Até que tiraram o lixão de lá.

Tinha que dá essa volta porque não dava pra seguir direto pelaa São Domingos até a Perimetral. Era só mato e lama. A última área era a da escola Mateus do Carmo. E a gente não podia varar por esse caminho. Então, tínhamos que desviar caminho se quiséssemos chegar no Chem. Lá tinham muitos catadores de lixo. De vez em quando, eu e minhas amigas de infância íamos lá acompanhados da Dona Zica, mãe da Luciete, Denice e Aldenora, era uma turma de adolescentes, uma aventura para nós.

Isso quando a gente não inventava de entrar na mata com os meninos, Nonato, Jorge, Pingo pra apanhar açaí pegar frutas nas árvores, achamos um riozinho onde tomávamos banho quando acabavam de colher o açaí, era muito legal, a gente saía do matagal todos sujos de lama.



## Mas nesse passado, também era assim

Tinha a Francinete e os outros colegas,  
o picolé do seu Henrique, a japonesa,  
a escola, o Luar de Paquetá, a vala,  
a eletrola do seu Izaias,  
o jogo de cemitério com dona Zica  
e as festas no terreiro da Brasília...





## Mas nesse passado, também era assim

**Tinha a Francinete e os outros colegas, o picolé do seu Henrique, a japonesa, a escola, o Luar de Paquetá, a vala, a eletrola do seu Izaias, o jogo de cemitério com dona Zica e as festas no terreiro da Brasília...**

Lá onde é o Manolito era a sorveteria do seu Henrique, outro point do bairro. Nós, adolescentes, jovens que gostávamos sempre tínhamos que arranjar um dinheiro pra comprar um picolé, um sorvete lá. E ele vendia muito picolé. A gente ou ficava sentadas na calçada, que era alta, ou ficava lá dentro sentadas nas mesas e cadeiras. Ficava aquela turma rodeando a mesa, só chupando picolé, na maior bandalheira.

Seu Henrique era um bom comerciante. Ele sabia como agradar os fregueses dele. Quando a gente acabava, atravessava pra praça. Detalhe: a sorveteiria era feita de barro também, com portas de madeira bruta.

Lá era o picolé, depois a gente ia pra praça passear e às 9h voltávamos para casa. Isso quando a mãe não ia atrás né!? Às 10:00 tinha que tá todo mundo amalocado.

Ali no canto da Nossa Senhora das Graças tinha uma vala grandonaaaaa e a gente tinha que pular por essa vala. Quando a gente entrava na igreja, que a vovó Hilda mandava a gente pra missa, não gostávamos da igreja daqui.



Porque quando a gente botava o pé na porta na igreja todo mundo olhava pra trás. Aquilo chateava, incomodava. Ai a gente dizia que não ia pra missa!

Nós deixamos de frequentar a igreja desde que nos mudamos do bairro da Matinha. Lá todo domingo a gente ia pra igreja. Quando nós nos mudamos não fomos mais pra missa, porque era desse jeito. As beatas viravam tudo pra trás e ficavam olhando. Chega dava um ódio!

Ao redor da praça tinham uns comércios. A sorveteria do seu Henrique; do outro lado era uma fruteira na São Domingos (onde é a farmácia Max); no canto da Comissário era a delegacia; tinha a igreja; pra trás da igreja não tinha nada, só a garagem do Canudos e pra trás era só mato, tinha pouquinhas residências, uma casa longe da outra, mas era mais mato.

Do outro lado da igreja era o terreiro do Nanô, que varava pra 2 de Junho; e no canto da São Domingos com a Rui Barbosa era a quitanda de uma japonesa, miseraviiiiii que só essa japonesa (Hahahahaha), ela era muito ruim de venda. Se a gente não fosse com o dinheiro certinho e ficasse faltando alguma coisa, ela não dava um desconto de nada! Ela era muito miserável! Era só uma baiuquinha, com essas portas que tu levanta e abaixa a janela, sabe?

Onde é a Universal eram umas casas residenciais. Tinha a casa do seu Balbino, a casa de uma colega minha, a Francinete. Era só família ali. E o Luar de Paquetá, do seu Aldo, que é antigão e a casa da Dona Juliete. E o final da linha do Canudos que ficava bem na esquina da Celso Malcher.

Nesse corredor de casas que tem o Luar de Paquetá e que agora tem a Universal tinha casas que iam até o canto da 2 de Junho. Passando a 2 de Junho, bem no meio mesmo, antes de chegar onde hoje é a escola estadual Brigadeiro Fontenelle, era a escola municipal M<sup>a</sup> Stellina Valmont. Eu estudei lá ainda na década de 1970.

A Stellina era só um barracão, que não era dividido. Era assim: as carteiras, ai quando era na hora do recreio a gente ia tudo pra fora, andávamos pra trás da escola, porque na frente passava carro e as professoras não



deixavam a gente ficar lá, por isso tínhamos que ir pra trás da escola. Quando derrubaram lá, fizeram outra Stellina na passagem Vitória. E depois que construíram o Brigadeiro Fontenelle.

Nessa época, as únicas escolas que tinham no bairro era a Stellina, que era o barracão; a Escola Estadual Mateus do Carmo, que continua do mesmo jeito que era; e a Escola Estadual Fonte Viva. Essas três eram primeiro as únicas escolas da Terra Firme.

Inclusive, até o presidente Médici veio na Stellina num dia pra gente fazer o hasteamento da bandeira pra essa mala. A gente criança né... Era obrigada a fazer... Tivemos que prestigiar esse mala do presidente Médici...

Quando transferiram os alunos tudinho lá pra nova Stellina que foi inaugurada, e era completamente diferente do que é agora, a gente brincava cemitério lá na frente, na rua.

Quando não, a gente queria ir lá pro campo da Terra Firme brincar. Só que era muito sol. Um campo muito grande. Ai as vezes a gente ia láaa brincar na UFRA. Aos 15 anos fui transferida para o Fontenelle, o que eu mais gostava lá era das festas que tinham os concursos de miss simpatia para a turma da 8ª série.

Naquelas nossas festas de adolescente na Brasília tinha o seu Isaias. Ele ainda é vivo e mora na Cremação. A filha dele é muito minha amiga, a Zenaide. Todo fim de semana, o seu Isaias ligava a eletrola dele. Quando ele não ligava, a gente ia lá na porta dele e começava a perturbar: “Bora, seu Isaias... Faça uma festa pra nós, a gente quer dançar...”

Ele começava a beber. E quando festa não era na sala da casa dele, era na sala da outra vizinha. Sempre tinha uma sala de uma casa pra ter festa no fim de semana pra nós. Ou no sábado, ou no domingo a gente dançava.

Era só pros moradores lá da Brasília mesmo e pra gente, que era adolescente, se distrair e se divertir. Porque não tinha festa no bairro e mesmo



se tivesse os nossos pais não deixavam a gente sair porque era tudo pequeno ainda, tudo de menor, 13, 14, 15 anos, a mais velha era a Nelcy.

A nossa festa então era essa, na passagem Brasília, e quem fazia a festa era o seu Isaias que era o dono da aparelhagem, no caso a eletrola (Hahahahhaha), que era igual uma caixa. Depois que ele bebia e ficava doidão, só botava merengue, e a gente virava bicho (Hahahahhaha) foi muito legal.

As vezes os amigos dele que moravam na Cremação vinham no fim de semana. E quando era festa junina os meninos iam pro mato arrancar açazeiro, as meninas faziam as bandeirinhas. Fazíamos a decoração do terreiro, que pegava três casas. Ali era o terreiro da gente. E depois os meninos começaram a inventar pau de sebo, quebra pote, era muito divertido, muito bacana.

Nós nem saíamos praticamente do bairro, só ali naquele terreirinho que a gente fazia. E todo fim de semana a gente renovava as palhas de açazeiro. Os meninos iam pra dentro do mato da universidade, tiravam as palhas pra gente renovar o terreirinho, pra de noite ter festa.

E a gente se arrumava todinha e dançava pra caramba, até 2:00/3:00 da madrugada. Era quando seu Izaias já tava muito doida e parava a festa. As vezes no outro dia, quando era sábado, ele já começava o som de manhã. Ai a gente ia e dançava, depois corria em casa almoçava e voltava pra dançar. Êeee que ra muitooooo divertido... Foi assim que eu aprendi a dançar. Eu, a Nazaré, e o meu irmão Cabeça...

Quando era no meio da semana, a gente ligava o radinho do meu avó em casa. Ai quando não tava dançando com a vassoura, a gente dançando junto, e um ensinava o outro a dançar dentro de casa. A vovó e o papai ficavam olhando a gente dançar lá na sala. (Hahahhahhaha). E nós três aprendemos a dançar assim...



Depois que a gente arrumava o terreiro pra festa a noite, íamos pro meio da rua brincar cemitério. E lá tinha a dona Zica, que era mãe de três meninas e tinha uns trinta e poucos anos, por ai. Ela já era uma senhora, mas brincava cemitério com a gente, era uma criançona.

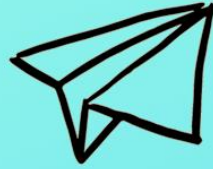
Ela tinha um problema na perna. Tinha a perna inchada. A vovó dizia que aquilo era malária na perna dela, mesmo assim ela brincava com a gente. Rolou do pessoal invadir lá. A casa dela era a última da Brasília. Da casa dela até a Lauro Sodré não tinha como passar, era só mato e lama também. Pra ir pra lá pra Lauro Sodré, tinha que arrodar a Nossa Senhora das Graças, lá na horta. Quando a maré enchia invadia a passagem Brasília, a água ia até o canto da São Domingos, aparecia muito sanguessuga.

Mais pra frente, dona Zica se mudou e nós ficamos muito tristes porque depois soubemos que engravidou, já tava com mais de 40 anos, e como ela se abaixava pra lavar roupa, quebrou o pescoço do bebê e ela não percebeu. O neném já tava encaixado pra nascer, ela era parideira velha. As outras três filhas dela já eram todas moças, a mais velha já era até mãe. E por causa disso ela morreu com o bebê morto dentro dela. Assim eu soube e fiquei muito triste... Mas ainda vou procurar saber com a filha dela se essa é a verdade.

Dona Zica foi uma pessoa muito importante nas nossas vidas. Vovó deixava a gente ir pras festas com ela, até em Canudos. Ali onde é o Hospital Nazaré era a casa de uma parenta dela, uma prima, e sempre faziam festa lá. Quando seu Izaias não fazia festa na Brasília, íamos com ela pra Canudos. Ou então lá pra beira do campo, pra casa da Raimunda, pra dançar, que sempre festa tinha lá.

E se chegasse lá e não gostasse da festa, eu dizia assim pro finado Branco, meu amigo: “Me leva lá pra sede da Terra Firme, que essa festa tá uó!”. E ele com medo, respondia: “Tua vó vai descobrir, Deia...”. “Que nada! Não vai descobrir não...”. eles iam comigo, eu entrava na festa e eles, no caso

a irmã dele também, a Nene, ia junto, ficavam na janela me vigiando e eu dançava horrores (Hahahahaha).



*Essa é a minha história  
de quando eu cheguei na Terra Firme...  
Eu era muitooo atrevida! (Hahahahhahhaha).*







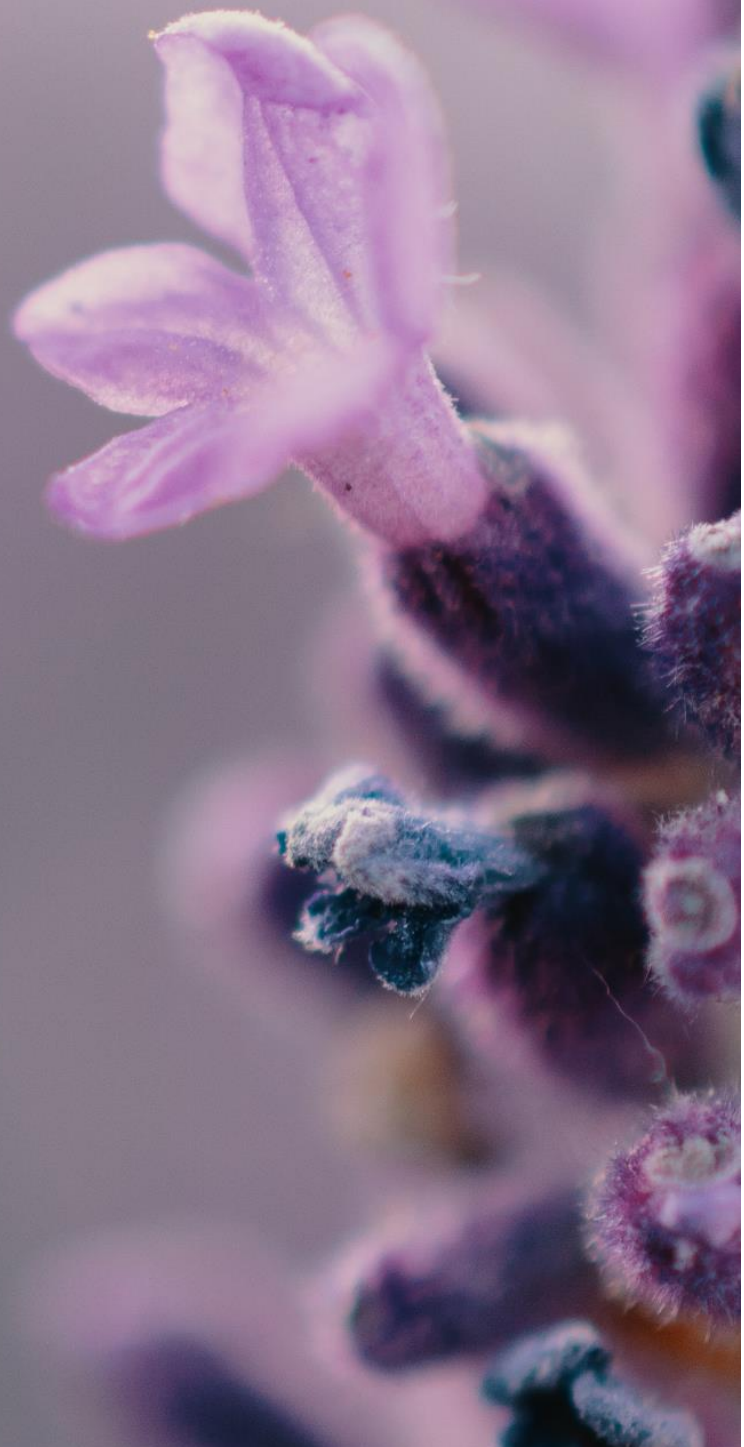
**Essa é a minha história de quando eu cheguei na Terra Firme... Eu era muitooo atrevida! (Hahahahhahhahha).**

É isso que eu me lembro, de quando eu era criança e vim morar pra cá. Eu brincava muitooooo, muitoooooo cemitério com as minhas colegas lá na passagem Brasília. Ai pra festa lá, minha vó ficava só olhando a gente dançando lá com nossos colegas. Era muito legal... Tenho saudade...

Tô com saudade das minhas amigas já do nosso grupo. A gente já quer marcar um encontro, mas agora com esse vírus tá difícil. Todo mundo tá velha já, no risco... (Hahahahhahah). Ai tem que ficar em casa... Todas coroguetes (Ha, há, há)

E essa é a história de quando eu cheguei no bairro da Terra Firme. Eu era muitoooooooooooooooooo atrevida! Desde lá eu me atrevi a viver... (Hahahahhahhahha).

*A*  
*Autora*







Ivonete da Silva Dias, Deia, nasceu em Belém do Pará, no ano de 1960. Até os 10 anos viveu no bairro da Matinha, atual Fátima, próximo de São Brás. Na década de 1970 se mudou com os pais-avós para outro bairro da cidade, a Terra Firme, onde reside até hoje. Deia é noveleira de carteirinha e gosta de palavras cruzadas. É trabalhadora autônoma, dona de casa, mãe, avó e escritora da Editora Gato Ed.



